

FAISCADORES

Ainda hoje, sobretudo em certas regiões do Pará, Amapá, Guiana-Maranhense, Bahia, Minas-Gerais, Mato-Grosso e Goiás, constitui o ouro o eixo em torno do qual gira incessantemente toda a vida de pequenas povoações que, em pleno século XX fazem reviver condições de trabalho e de meio social em tudo bem semelhantes às das povoações do mesmo gênero estabelecidas há dois séculos passados em pleno coração do Brasil

Contribuindo em média com 50% da produção aurífera total do país, a "faiscação", ou seja a mineração representada pelos trabalhos rotineiros dispensando a aparelhagem mecânica e realizados nos aluviões ou cabeças de filões, constitui efetivamente um dos mais importantes horizontes de trabalho para todos aqueles que, fascinados pelas perspectivas risonhas de enriquecimento fácil, buscam as mais longínquas paragens do Brasil com a esperança e a ambição de uma rápida melhoria de seu nível de vida no futuro

A mineração rudimentar tem assegurado ainda por muitos anos, no Brasil, rendoso horizonte de trabalho pois que até o presente não se acham devidamente estudados muitos aluviões auríferos de regiões desconhecidas

Como atividade lucrativa a "faiscação" sujeita-se, porém, naturalmente, a circunstâncias outras entre as quais figuram o elevado valor do ouro em relação à nossa moeda atual e a situação mundial do próprio ouro como base de sistema monetário

A permanência da "faiscação" do ouro como atividade humana compensadora fica, dessa maneira, na dependência, outro tanto, das circunstâncias humanas há pouco apontadas

Todavia, no caso particular do Brasil, é de se supor que ainda por muito tempo haverá margem bastante ampla para o trabalho de "faiscação" com perspectivas rendosas, sobretudo, se se considerar as regiões onde existam filões possantes, capazes de fornecer, como em Jacobina, na Bahia, um tipo de atividade em escala francamente industrial, e, outrossim, variados horizontes de trabalho facilitados pela presença de pequenos veios, a que se ajuntem, por outro lado, circunstâncias locais propícias como a excelência do clima

Onde quer que apareça, o ouro, com efeito, atrai logo homens às centenas, e, como corolário do espírito de aventura próprio dos "faiscadores", surgem imediatamente, como por encanto, às margens dos córregos auríferos ou na meia-encosta dos vales, pequenos núcleos humanizados caracterizados quase sempre pela precariedade, pela instabilidade das instalações e também por uma vida realmente efêmera

Distribuídos dispersamente segundo a maior ou menor riqueza dos rios auríferos, esses núcleos de população lembram, por suas características, as "corrutelas" dos garimpeiros, outro tipo de trabalhadores que atuam longe na faixa pioneira da mineração rudimentar, mas extraindo diamante e com os quais não se confundem os "faiscadores" propriamente ditos

Não obstante os esforços oficiais já empregados no sentido de regular a atividade da "faiscação" e da "garimpagem", bem como no interesse de definir corretamente ambas as atividades, em muitos trechos do interior ainda prevalece uma terminologia confusa segundo a qual "faiscação" é a mesma cousa que "garimpagem", "faisqueira" tem o mesmo sentido que "garimpo" e, finalmente, "faiscador" é sinônimo de "garimpeiro" A fiscalização, assim, das respectivas profissões se dificulta extraordinariamente e, nesta emergência, os "faiscadores", sobretudo nos pontos mais afastados, continuam a levar a sua tradicional vida de improvisos e aventuras, rica de características arraigadas, sobremaneira, no âmago de nossa história do povoamento

O horizonte de trabalho dos que vivem uma tal vida de especulação é, no fundo, um presente da atividade erosiva que, atacando durante anos seguidos os quartzitos auríferos e diamantíferos do planalto brasileiro, acabou por espalhar na superfície, depósitos de ouro e diamantes, tanto na forma de grupiaras como na de areias e cascalhos, carregando-os também para o leito dos cursos d'água



E se a mineração de ouro no Brasil foi o fruto da atividade bandeirante, que, em meados do século XVIII chegou ao seu apogeu, então, à descoberta do ouro de aluvião no sul da serra do Espinhaço, em Minas-Gerais, durante os últimos anos do século XVII, deve-se o milagre da transformação dos primitivos bandeirantes em caçadores de metal precioso e pedrarias, muitas vezes, revestidos do tipo daquele que BILAC celebrou em imortal poema. Nesse sentido, como diria PESCHEL para toda a América, foi o ouro ou a ilusão do ouro, que, se não povoou de todo o interior brasileiro, fê-lo pelo menos em inúmeras de suas extensões. A mineração chegou mesmo a criar, como se sabe, uma fisionomia especial para as regiões centrais de Minas-Gerais e Bahia, havendo fora desse ambiente apenas alguns núcleos de importância relativamente pequena, no sul de Goiás e Mato-Grosso, no Brasil Centro-Oeste e no Ceará, já no Brasil de Nordeste.

Fator decisivo na conquista do nosso interior, o ouro sempre esteve ligado assim à história do Brasil, desde o momento em que constituiu a preocupação inicial dos colonizadores até a internação dos bandeirantes; desde o povoamento rápido dos sertões distantes até a chegada, às minas, das levadas de trabalhadores negros africanos; desde a abertura das estradas de São-Paulo e Rio para Minas-Gerais — de que foi a causa — até o aproveitamento posterior do vale do Paraíba, com a conseqüente abertura do nosso ciclo econômico do café, salvando populações inteiras dos efeitos imprevistos da decadência das minas.

Ainda hoje o ouro é o responsável pela dispersão, no país, de cerca de 50 mil homens, vivendo do trabalho dessa mineração rudimentar das areias e cascalhos auríferos, segundo normas e regime de ocupação perfeitamente distintos daqueles que se verificam, de ordinário, nas zonas mais adiantadas da mineração industrial.

Em geral, em seu trabalho anônimo, árduo e penoso, o "faiscador" labuta o dia inteiro sob um sol inclemente e com uma fibra de lutador intemperato e incansável na conquista cada vez mais difícil do próprio pão de cada dia.

Aos primeiros raios do sol, em sua faina diária, já se encontra forte, bem disposto, com a sua cor bronzeada e seu enorme chapéu de palha, bateia em punho, partindo em busca das "fisqueiras", onde lavarás as cascalhos, encherá a bateia de areia e pedregulho miúdo para obter, possivelmente, o ouro, após um batear incessante, nu da cintura para cima, indiferente aos raios causticantes do sol e imune à baixa temperatura das águas.

A apuração do ouro, aliás, não é fácil tarefa e quase sempre é agravada pela presença de minerais de ferro de densidade elevada.

Como o objetivo principal na extração do ouro de aluvião consiste em obter um concentrado tão rico quanto possível, torna-se evidente a precariedade do trabalho de reconcentração por intermédio da bateia, pois que, permitindo estas perdas inevitáveis e consideráveis baixas no rendimento da extração, sobretudo, o problema da vida na região das "fisqueiras" acaba por se agravar nos locais onde existam minerais pesados e areias pretas, onde mesmo instalações mecânicas não conseguem real eficiência quanto ao rendimento em ouro.

Sem atender a considerações de ordem técnica, mas apenas a uma ligeira informação acerca dos aparelhos e dispositivos usados pelos "faiscadores" afim de extrair o ouro de aluvião, pode-se dizer que nos depósitos aluvionários do Brasil, principalmente nos que se caracterizam pela presença dos referidos minerais pesados e areias pretas, como sucede perto de General-Carneiro, em Minas-Gerais, ou ainda nesse Estado, nos aluviões de Santa-Bárbara, muito poucas instalações conseguem efetivamente grandes resultados práticos, como é possível esclarecer-se lendo o trabalho de DJALMA GUIMARÃES, intitulado *Informações sobre aparelhos e dispositivos para extração de ouro de aluvião*, 3ª edição, 1942, Avulso 51, Divisão da Produção Mineral, Rio-de-Janeiro.

De resto o problema não é fácil por isso que nem sempre se apresenta o ouro do mesmo modo segundo as regiões. Tal apresentação pode ser em pepitas, em palhetas, em

pó fino e mesmo em caráter misto, isto é, "parte pulverulento e parte em pepitas ou lamelar", como elucidou DJALMA GUIMARÃES

No louvável intuito de orientar o "faiscador" ou prospector de pequenos recursos financeiros, a Divisão do Fomento da Produção Mineral fez estudar os tipos de instalações mais adequadas à natureza dos nossos aluviões onde o ouro, como se viu antes, aparece comumente sob o caráter misto

Aliás, em suas publicações referem-se quase sempre os entendidos, à dificuldade de se instruírem tecnicamente os "faiscadores" e mesmo pequenos prospectores, preparando-os no sentido de utilizarem eficientemente certos tipos de instalações, mais evoluídas que a simples e tradicional bateia mecânica, providas, por exemplo, de células de flutuação para a recuperação de ouro finíssimo

Nestas circunstâncias é natural que os "faiscadores" continuem a usar as tradicionais caixas rudimentares de lavagem de aluvião aurífero, — como se vê no desenho ao lado —, difundidas por todo o país, particularmente na região nordestina, em Piancó, por exemplo, ou em certas zonas da Baixada Maranhense

Antigamente — segundo AUGUSTO DE LIMA JÚNIOR — os "faiscadores" para concentrarem o ouro muito fino, depois de terem retirado da bateia o material mais grosso, deixavam apenas a lama, onde sobrenadava o ouro em pó finíssimo. Ajuntavam, então, água contendo suco de folhas de maracujá-açu, jurubeba, ervas de Sant'Ana ou matapasto, que faziam o ouro precipitar-se imediatamente no fundo da bateia. Para esse fim, acrescentou RICHARD BURTON, usavam aguardente bruta ou suco de pita ou ainda uma infusão de plantas chamadas capoeira ou itambamba

Para a exploração de maior vulto é comum o "faiscador" juntar-se a alguns companheiros, utilizando a "canoa", que é uma herança dos tempos coloniais

Consiste numa escavação em forma de canal, que conduz a água até um fôso retangular de 1 metro a 1,5 metros de comprimento por 0,50 centímetros ou 0,60 de largura.

O fundo é inclinado no sentido da correnteza, terminando numa bica. Debaixo desta é colocado um couro curtido com os pêlos voltados para cima, contra o sentido d'água ou então, a baeta, espécie de pano grosseiro, afim de reter o ouro

Lançado o cascalho ou a areia aurífera na entrada ou cabeceira, solta-se a água contida no pequeno reservatório e com pares de forquilha ou almocrafe remexe-se o material a ser lavado. Os detritos e impurezas são assim postos fora da canoa, levados pela força da correnteza. O ouro mais pesado fica agarrado aos pêlos do couro ou à baeta, os quais, de vez em quando, são retirados e lavados em água limpa, colhendo-se o ouro

Outro processo é o "bolinete", cujo método de trabalho é o mesmo da "canoa", sendo este aperfeiçoado com grossas tábuas e aproveitadas as quedas d'água para lavagem

No entretanto os faiscadores não se limitam a explorar apenas o leito dos rios para a retirada fácil do ouro de lavagem. Também os tabuleiros e grupiarias são revolvidos na ânsia de descobrir cada vez mais ouro. Depois de retirada a camada superior de terra, o cascalho é, às vezes, transportado nos carumbés até as canoas, bolinetes ou tanques de lavagem, para onde a água é levada em regos, através de grandes distâncias pelos flancos das montanhas

Mais comum entretanto, para a exploração das grupiarias é a abertura das "catas", que sem técnica e desordenadamente são cavadas ao redor do lugar onde se descobriu a primeira palheta de ouro. Geralmente, são retangulares, mas há também catas quadradas e circulares

O desmonte da "massa rica" (camada de rocha aurífera) é feito a picareta, enxada e alavanca. Da cata, a "massa" é levada em carro de boi, em sacos de aniagem ou nos carumbés para um córrego, onde o ouro é lavado e apurado pelos processos de "canoa" e "bica".

Esgotada a "cata", os mineradores abandonam o local deixando, após si, uma esteira de montes intermináveis de cascalho, que dão à região um aspecto melancólico de aridez

A fiscoação não constitui apenas um tipo de mineração particular. Nos lugares em que se torna única fonte de receita, quer seja nas zonas de mineração dos rios Oiapoque, Cassiporé, Gurupi, Maracassumé ou dos rios da Bahia e Minas-Gerais: Itapicuru, rio das Contas, Jequitinhonha, rio das Velhas ou Paraopeba, condiciona sempre um regime social e um gênero de vida peculiar.

Os fiscoadores, pela dificuldade de serviço, raramente trabalham sós. Associam-se a companheiros, ou então, são financiados por alguém que possa arrostar com as despesas.

Quando as minas são de propriedade particular, eles pagam uma determinada quantia por mês para terem o direito de explorá-las. Em Paracatu, o arrendamento era de Cr\$ 6,00 até pouco tempo.

Este arrendamento é pago adiantadamente pelo comprador do ouro que fornece ao fiscoador, seu freguês de venda, um cartão, que lhe permite trabalhar, sob sua responsabilidade onde quiser. Em alguns lugares, como Paracatu, (Minas-Gerais) dentro do perímetro da municipalidade, a Prefeitura nada cobra aos fiscoadores, trabalhando estes independentemente.

Como acontece com o garimpeiro, o fiscoador é com freqüência, auxiliado pela mulher, que corajosamente arrosta tôdas as dificuldades, e até mesmo pelos filhos. É um regime de trabalho de que todos podem participar.

Esta facilidade de arranjar trabalho traz, como consequência, o abandono da lavoura. Estabelece-se uma corrente do campo para as minas, onde a possibilidade de ganhar dinheiro e de levar uma vida cheia de imprevisto, exerce uma atração irresistível sobre os homens ambiciosos e de espírito aventureiro.

Deste modo, até mesmo os gêneros de primeira necessidade têm de ser trazidos de longe para o consumo da região mineira.

O "fiscoador", na sua extrema mobilidade, sem a mínima preocupação de conforto, estabelece à margem dos córregos auríferos ou nas proximidades das grupiaras, pequenos povoados, em que as habitações construídas desordenadamente, não são mais do que miseráveis palhoças de pau-a-pique cobertas de palha. Tais povoados têm muitas vèzes, uma vida efêmera.

Enquanto existe ouro, a atividade é intensa, mas desde que comece a escassear, os fiscoadores vão abandonando pouco a pouco o povoado, em pouco tempo, transformado em ruína.

Com freqüência, porém, os primitivos núcleos mineiros, quando situados favoravelmente, crescem e progredem, observando maior regularidade na disposição das casas, maior conforto na sua construção e, o que é muito importante, desenvolvendo uma intensa atividade comercial.

"Nas regiões auríferas estabelecem-se organizações comerciais poderosas com base na capital do Estado ou em cidades próximas, que por intermédio de seus agentes — os pequenos comerciantes estabelecidos nas minas — adiantam mercadorias aos fiscoadores e drenam para sua sede todo o ouro produzido", escreveu o Eng.º HENRIQUE CÁPÉR ALVES DE SOUSA. Algumas vèzes, entretanto, o ouro é pago em moeda corrente. Em alguns lugares do interior do Brasil, como em Paracatu, ainda se aplica para a compra do ouro, o processo antigo usado na época colonial, de oitavas e vinténs. Não só se conservaram os métodos de trabalho, como o próprio sistema de compras.

O maior comércio do ouro é feito aos sábados, ao cair da tarde, quando os fiscoadores, vendendo o seu ouro e fazendo as suas compras enchem o povoado de vida, animação é atividade.

Brasileiros de todos os rincões se irmanam no mesmo regime de trabalho e dotados de extraordinária capacidade de penetração, os fiscoadores de hoje tal como seus antepassados, os fiscoadores-pioneiros do século XVIII, contribuem para o povoamento de regiões distantes e inexploradas do nosso País.

JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA